

26

1

VILÉM FLUSSER      Mapas e hotéis.

O problema dos mapas nunca será suficientemente considerado. Se estamos na estrada, seguimos mapas como se fossem representações fieis da realidade de que estamos cruzando. Confiamos neles. Embora possamos distinguir entre várias escalas de mapas: as de escala maior oferecem visão mais ampla e menos detalhada da realidade. E embora saibamos que esta não é a única diferença entre os mapas dos quais dispomos. Sabemos que são projeções feitas sobre os fatos de vários pontos de vista. E que revelam tanto os fatos quanto os pontos de vista. São "fieis" não apenas aos fatos, mas mais ainda aos pontos de vista. E que os pontos de vista não são apenas questão de distância e de ângulo, mas também de interesse. (Mapas de estradas, de estradas de ferro, geográficos, políticos, económicos e assim por diante.) A despeito disto, confiamos neles. Fazemo-lo, porque nos colocamos no ponto de vista do qual foram projetados. Transformamos assim a sua subjetividade em inter-subjetividade, (identificamo-nos com o sujeito projetor do mapa). E depois transformamos a inter-subjetividade em objetividade, (passamos a acreditar que os mapas são representações fieis da realidade). Isto se dá não apenas com mapas no sentido restrito do termo. As teorias científicas, por exemplo, são tomadas por objetivas, porque nós nos colocamos no ponto de vista do cientista que projetou tal mapas. Luis Borges sugere em uma das suas histórias que mapas verdadeiros seriam apenas aqueles que copiassem a realidade nos seus mínimos detalhes. Mas estes seriam, obviamente, inúteis. Isto sugere que a verdade objetiva não é apenas inatingível, mas seria inútil, se atingida.

Mas há problema ainda mais sério nisto. Não há fim para os pontos de vista dos quais mapas podem ser projetados. Alguns são "gerais", no sentido de interessarem a muitos. Mapas rodoviários são bons exemplos: interessam a todos automobilistas. Outros são mais "específicos". Mapas de vinhos da Borgonha são bons exemplos: interessam um número restrito de automobilistas. E mapas específicos mostram melhor que os gerais o fato que foram projetados não apenas para informar, mas também para manipular os seus utilizadores. Os mapas de vinho dizem: "Beba os vinhos marcados!". Mapas não são apenas indicativos, são também imperativos. Revelam a ideologia dos seus projetores. No exemplo: a ideologia dos comerciantes de vinho na Borgonha. E há pontos de vista muito restritos. Um mapa de Paris que mostrasse os lugares nos quais acendi meu cachimbo no curso do último ano seria bom exemplo: Ninguém exceto eu se interessaria por ele, e eu próprio teria interesse limitado nele. Se fosse possível projetar mapas de todos os pontos de vista, estes passariam a ser verdadeiros num sentido idealista: não seriam objetivos, mas inteiramente intersubjetivos. Mas, estes também, não são apenas impossíveis, mas inúteis, se realizados.

Os mapas ao nosso dispor são projetados, obviamente, de número limitado de pontos de vista. São infieis, cada um por si e coletivamente. E por isto mesmo são úteis. Confiamos neles, (e, por extensão, nas teorias

### VILÉM FLUSSER

científicas e nas representações artísticas), porque são úteis. Não por serem verdadeiros.

Mas há outro problema. Há pontos de vista mais ou menos gerais dos quais poucos mapas foram projetados. Muitos estão por exemplo interessados em saber aonde se localizam os lugares de decisão política, económica e social, portanto os lugares que determinam o futuro. Mas não há mapa da Terra, ou da França, ou de Paris, que mostre isto. Os mapas políticos, económicos etc. que existem tendem a esconder, e não a mostrar, tais lugares. Propositadamente. Mapas não são apenas imperativos que revelam ideologias, mas também meios de esconder ideologias. Neste sentido são, todos eles, (inclusive os científicos) duplamente enganadores. Sabemos disto mas continuamos confiando neles. Porque não dispomos de outra coisa para confiar, e isto é aspecto da condição humana. Devemos confiar em mapas duplamente enganadores, ou perder toda orientação no mundo.

Sim, mas que dizer do fato que existem pontos de vista gerais que aparentemente não precisam ser escondidos, mas não resultam em mapas? A distribuição de hotéis na Borgonha é um bom exemplo. Muitos dos que viajam de carro pela Borgonha estão interessados nela. Mais que nos nomes das aldeias pelas quais passam. A maioria dos mapas, no entanto, não a indica. Isto é surpreendente. A razão pretensa disto é que mapas são projetados de pontos de vista "públicos", e hotéis servem a interesses "privados". Há pruderie pretensa de incluir nomes privados em mapas. Os nomes das aldeias são públicos, e portanto incluídos no mapa, os de hotéis são privados e excluídos. Mas tal pruderie não resiste a exame. Há interesses privados por trás dos nomes das aldeias, (por exemplo os do açougueiro, para não falar em outros mais escondidos). E hotéis, embora propriedades privadas, servem o público, (isto é: aqueles que podem pagá-los). E ainda: mapas se destinam ao interesse público, e o público quer saber aonde os hotéis estão localizados. A razão pretensa é falsa.

Tal argumento é reforçado se considerarmos os mapas Michelin, tão em uso na Europa. Obviamente, Michelin é empresa privada, no sentido de servir os interesses dos que nela investem dinheiro. Mas os mapas são "serviço público" da empresa. Sendo públicos, não podem incluir hotéis nos mapas pela razão pretensa. Isto mostra bem a hipocrisia. Porque obviamente os mapas Michelin servem aos interesses da empresa que aparece na capa. Pois a consideração dos mapas Michelin leva ao núcleo do problema tanto dos hotéis quanto dos mapas. Porque Michelin não publica apenas mapas, mas também guias, e nos guias os hotéis aparecem. Um guia é mapa linear, e deve completar os mapas bi-dimensionais no sentido estrito. É desdobramento diacrónico da sincronia dos mapas. Nos guias os hotéis não são apenas indicados, mas classificados. Os critérios da classificação são indicados. Quem os usa sabe onde encontrar tal hotel, e também a que classe pertence. Porque isto é possí

VILÉM FLUSSER

vel em guias e não em mapas?

Pode ser afirmado que guias são desdobramentos necessários de mapas, porque contêm informação a qual tornaria mapas por demais complexos, se fôr incluída neles. Isto implica que representações bi-dimensionais são mais restritas em armazenamento de dados que representações lineares. Forte argumento contra McLuhan, (e talvez também contra Marcuse). Prova disto seria que guias contêm não apenas hotéis, mas informação variada. Mas isto não pode ser a razão verdadeira. Muitos mapas contêm informação adicional sem se tornarem complexas, (estradas "verdes" turisticamente interessantes, símbolos de castelos e assim em diante). É fácil imaginar codificação de hotéis classificados a ser incluída em mapas. Como explicar sua exclusão verdadeiramente?

Por outra diferença estrutural entre guia e mapa. Mapas, sendo bi-dimensionais, permitem visão imediata da situação representada. Guias, sendo lineares, exigem que sejam seguidos para que a situação apareça. Hotéis são excluídos de mapas, porque a inclusão permitiria visão imediata de uma estrutura da Borgonha a ser escondida. Uma situação que divide os automobilistas em classes, cada qual se concentrando em torno de hotéis com o número de estrelas correspondentes, é um substrato pariah que se concentra em torno de hotéis sem estrela, (não mencionados no guia), portanto intocáveis. Tal mapa mostraria imediatamente o que são hotéis: lugares de cristalização periódica da sociedade em classes. Mostraria a dinâmica social dos automobilistas: de dia sociedade democraticamente distribuída nas estradas, de noite sociedade feudalmente distribuída. Mostraria o resultado da Revolução francesa: democracia de dia, feudalismo de noite. Não interessa aos projetores de mapas mostrar isto. Mas interessa conservar isto. Por isto publicam guias aos não pariah, para continuarem se concentrando em classes. Assim os automobilistas ficam divididos em dois grupos: a "massa que utiliza mapas, a "elite", que usa também guias. A massa é bi-dimensional, (informada pela TV), a elite linear, (informada por livros).

Duas objeções a isto são possíveis. Uma afirma que hotéis poderiam ser incluídas em mapas sem serem classificadas. A outra que a classificação pode ser incluída também porque não implica feudalismo. A primeira não se justifica, porque hotéis não classificados são informação inútil. A essência do hotel é ser lugar que classifica. Se conheço a localização de um hotel, mas ignoro sua classe, tenho informação inútil. A falta de hotéis em mapas é revelação negativa da essência de hotéis em sentido fenomenológico do termo. A segunda objeção merece ser examinada mais de perto.

Afirma que hotéis são instituições democráticas no sentido de permitirem entrada a todos sem distinção de classe, raça, religião, e que existem leis que garantem isto. Admite que hotéis discriminam economicamente, mas afirma que (a) distinção econômica não é considerada anti-democrática no mundo livre, e (b) tal distinção se dilui graças ao progresso. Por isto, diz

VILÉM FLUSSER

a objeção, hotéis classificados podem ser incluídos tranquilamente em mapas. A objeção não se sustenta, porque parte de teoria falsificada pelo praxis. Hotéis são lugares de distinção entre classes que transcende a economia. E funcionam assim sem ofenderem as leis vigentes. Há tácito acôrdo entre hotel e sociedade nisto. Tal acôrdo garante a manutenção da essência hoteleira. Um trabalhador algeriano não entraria em hotel de primeira ou segunda classe na Borgonha, porque se sentiria deslocado: O hotel é "lar fóra do lar", porque se não fôr da minha classe, não me abrigaria. (Por isto nenhuma lei pode abolir a "color-line" nos hotéis americanos, nem no Brasil onde oficialmente tal "color-line" nem sequer existe.) O que faz do hotel hotel é o facto que me isola socialmente dentro da minha classe. O conforto que oferece é consequência secundária disto. Se sou pequeno burgues, sinto-me incômodo no conforto oferecido por hotel de cinco estrelas. Isto não quer negar a tendência proletarizante manifesto nos hotéis da Europa. A mobilidade social é tendência pela qual proletários invadem as classes, não tendência a abolir classes. Portanto: hotéis não podem aparecer em mapas, porque sua classificação revelaria estrutura não apenas económica, mas social da sociedade, estrutura a ser escondida.

O resultado de tais investigações é este: (1) A essência do hotel é feudal, e classifica. (2) A essência de mapas é representar fatos de pontos de vista, mostrar alguns e esconder outros. e (3) Vivemos em mundo caracterizado por estruturas tipo "hotel" e "mapa", a saber de canais que estão aparentemente ao nosso dispôr, (podemos escolher entre eles), mas na realidade de nos condicionam, (devemos segui-los). A existência de hotéis e mapas é prova que a liberdade é ilusão, mas também prova que não podemos viver sem ela. Não existissem hotéis e mapas, e a Borgonha não faria parte do nosso mundo. Liberdade como ilusão, mas ilusão tão preciosa que sem ela não valeria a pena viver: eis um aspecto da condição humana.